

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Portugal : De Ormuz ao Encolher dos Ombros

Publicado em 2026-03-15 18:50:46



BOX DE FACTOS

- Portugal conquistou Ormuz em 1507 sob a liderança de Afonso de Albuquerque e consolidou o seu domínio em 1515.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

- O império português no Oriente funcionava como uma rede de fortalezas, portos e pontos de estrangulamento marítimo.
- A perda de Ormuz em 1622 para forças anglo-persas simbolizou a erosão do poder estratégico português no Oriente.
- O maior drama português não foi apenas perder posições no mundo, mas perder a ambição civilizacional que as tornou possíveis.

De Ormuz ao Encolher dos Ombros

Houve um tempo em que Portugal não pedia licença à História: entrava nela. Hoje, por vezes, parece um país que já nem bate à porta do futuro.

Houve um tempo em que Portugal não pedia licença à História. Entrava nela. Não como quem bate à porta de mansinho, de chapéu na mão, pedindo um lugar discreto

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

mas havia também visão. E isso, na longa marcha dos povos, vale mais do que muitas legiões.

Há cerca de quinhentos anos, Portugal foi uma potência mundial real, não retórica de feira patriótica. Não era uma ilusão escolar, nem uma saudade inventada para consolações de café. Era uma presença efectiva numa geografia vasta, nervosa, perigosa, onde se decidiam rotas, riquezas e impérios. O império português não era um contínuo territorial maciço, como outros seriam mais tarde. Era uma rede. Uma teia marítima. Um colar de portos, fortalezas, feitorias e posições de estrangulamento comercial espalhadas da costa africana ao Índico, de Goa a Malaca, até ao extremo oriental da Ásia.

E no coração dessa arquitectura estratégica brilhava um nome quase mítico: **Ormuz**.

Ormuz: a garganta do comércio

Ormuz não era apenas um ponto num mapa. Era uma chave. Uma dobradiça. Uma garganta por onde passavam riquezas, influências e equilíbrios de poder. Situada na entrada do Golfo Pérsico, junto ao estreito que ainda hoje continua a ser um dos pontos mais sensíveis do planeta, a ilha de Hormuz tinha, já na Idade Média, um peso comercial extraordinário.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

estava a improvisar uma aventura exótica. Estava a executar uma visão geopolítica de alta precisão. Albuquerque compreendeu que o poder português no Oriente não dependeria apenas de navios ou de actos de coragem individual. Dependeria do controlo dos grandes nós marítimos: a entrada do Mar Vermelho, o acesso ao Golfo Pérsico, os corredores do comércio das especiarias.

Foi com esse espírito que procurou Socotorá, Goa, Malaca e Ormuz — não como troféus dispersos, mas como peças de uma máquina estratégica. A conquista de Hormuz permitiria aos Portugueses controlar uma rota comercial de primeira ordem, enquanto as riquezas de Ormuz ajudariam a sustentar a presença militar portuguesa no Índico. Pelo tratado de Outubro de 1507, os habitantes reconheceram a soberania de D. Manuel I, aceitaram pagar tributo e contribuíram para a construção de uma fortaleza portuguesa junto ao palácio real.

Não era poesia. Era poder.

Um pequeno reino a segurar gargalos do mundo

É difícil, hoje, a muitos portugueses, imaginarem a desproporção daquele feito. Um reino pequeno, periférico,

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Hormuz em 1515 mostram precisamente isso: Portugal queria mais do que navegar; queria **ordenar o tráfego do mundo conhecido**.

A própria lógica do império português era essa. Não conquistar tudo. Não ocupar vastidões interiores. Mas controlar **portas, estreitos, portos, entrepostos, alfândegas, circuitos de licença, fortalezas capazes de taxar ou vigiar a circulação das mercadorias**.

No caso de Ormuz, isso era geopolítica em estado puro. Quem ali estivesse não dominava apenas uma ilha árida; punha a mão sobre a entrada de um corredor decisivo entre o Golfo e o oceano aberto. A diferença é quase cruel: aquilo que hoje o mundo inteiro vigia, Portugal, durante um período histórico, chegou a influenciar directamente. Não com discursos. Com navios, artilharia, diplomacia dura e arquitectura de império.

O castelo vermelho e a memória em ruínas

A presença portuguesa em Hormuz não é só matéria de crónica; deixou pedra. O chamado **Castelo Português** na ilha, cuja origem é atribuída à iniciativa de Albuquerque, continua a ser um vestígio material desse momento em que Portugal cravou a sua vontade no Golfo.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

ministeriais, foi capaz, em séculos remotos, de erguer fortalezas em pontos sensíveis do Índico e do Golfo, projectando-se milhares de quilómetros para lá da sua base europeia.

Era outro tempo, dir-se-á. E é verdade. Mas a diferença não está apenas na época. Está também na fibra.

O começo do declínio

Nada disso, porém, era eterno. E aqui a História, que tantas vezes sorri aos ousados, começou também a cobrar a factura. O império português tinha génio, mas tinha fragilidades estruturais. Era extenso demais para os meios disponíveis, dependia de comunicações sazonais lentas, de fortalezas isoladas, de guarnições limitadas, e de uma continuidade logística difícil de garantir.

Ao mesmo tempo, surgiram rivais mais ricos, mais populosos, mais capitalizados e cada vez mais agressivos. Holandeses e ingleses entraram na luta pelo comércio oriental, atacaram rotas, cortaram ligações e exploraram as debilidades de uma rede portuguesa dispersa. Ormuz caiu em 1622, conquistada por forças anglo-persas, encerrando mais de um século de presença portuguesa.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

De povo estratégico a povo administrado

Mas a queda de Ormuz, por si só, não explica tudo. Explica uma etapa. O mais profundo veio depois. Portugal foi deixando de ser um país com uma ideia forte de si próprio no mundo para se tornar, aos poucos, um país cada vez mais reactivo, mais dependente, mais administrado por circunstâncias do que guiado por desígnio.

O império continuou, claro. Houve resistência, recomposição, Brasil, África, novas adaptações. Mas o centro de gravidade mudou. O ímpeto fundador rareou. A iniciativa passou a alternar com a defensiva. O gesto criador foi sendo substituído pelo gesto de conservação. Depois, pela teimosia. Depois, pelo hábito. E finalmente, em demasiados momentos da nossa história longa, pela resignação.

Essa resignação não caiu do céu como maldição bíblica. Foi sendo cultivada. Pelas derrotas. Pela dependência externa. Pela centralização sufocante. Pelo peso de elites medíocres. Pela dificuldade em transformar memória em projecto. Pela tentação de viver da nostalgia em vez de da invenção.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

A resignação portuguesa

Eis a tragédia: Portugal, que em certo momento ousou pensar globalmente quando quase ninguém pensava, tornou-se muitas vezes um país que já nem pensa estrategicamente o seu próprio quintal. Já não quer estrangular rotas do mundo — quer apenas que o comboio não se atrase demasiado, que o portal do Estado não falhe por mais de dois dias seguidos, e que a consulta venha antes da reforma. A escala do sonho encolheu. E quando o sonho encolhe, o país encolhe com ele.

Há uma resignação mansa que se instalou em largas camadas da sociedade portuguesa, uma espécie de catecismo laico do “é assim”, do “não vale a pena”, do “somos pequenos”, do “lá fora é que sabem”. Esse discurso não é prudência; é desistência educada. E a desistência, quando se torna temperamento nacional, corrói mais do que qualquer derrota militar.

Um povo pode sobreviver à perda de fortalezas. O que não sobrevive sem preço tremendo é à perda da vontade.

Portugal já foi capaz de ver o mundo como campo de acção. Hoje, demasiadas vezes, vê-se a si mesmo como sala de espera. Espera fundos, espera reformas, espera milagres europeus, espera que algum investidor estrangeiro descubra

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Memória, não folclore

Nada disto deve servir para patriotismos histéricos ou cantigas ocas. O império português teve violência, exploração, brutalidade e injustiças, como todos os impérios. Não há necessidade de o dourar com verniz de romance escolar. Mas também não há necessidade de amputar a verdade histórica: durante um período notável, Portugal pensou e agiu em escala mundial, com uma capacidade estratégica desproporcionada ao seu tamanho. Ormuz foi uma das provas mais eloquentes disso.

Recordar esse tempo só faz sentido se a memória for mais do que adorno identitário. A utilidade da História não está em embalsamar glórias. Está em perguntar: **como pôde um povo, com tão poucos meios, alcançar tamanha projecção?** E, em seguida: **porque razão esse mesmo povo parece hoje tantas vezes conformado com tão pouco?**

A resposta não está apenas nos livros. Está nas mentalidades. Está na qualidade das elites. Está no sistema educativo. Está na relação com o risco, com a ambição e com a exigência. Está, sobretudo, na coragem de voltar a querer.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Mostra-nos o que fomos capazes de fazer quando existia visão, audácia e vontade de projectar poder para lá do horizonte imediato. E mostra-nos, por contraste, a tristeza de um presente em que tantas vezes aceitamos a pequenez como destino, a dependência como prudência e a resignação como maturidade.

Houve um tempo em que Portugal segurou chaves de mares decisivos. Hoje, por vezes, parece já nem querer segurar as chaves do seu próprio futuro.

E talvez seja essa a maior perda de todas: não a de Ormuz, mas a da chama interior que um dia levou um pequeno povo atlântico a desafiar o mapa do mundo.

Epílogo

As nações não caem apenas quando perdem batalhas.

Caem, sobretudo, quando deixam de acreditar que ainda podem abrir caminho no meio da História.

Ormuz foi um feito. A resignação seria uma capitulação.

E entre uma coisa e outra mede-se o destino inteiro de um povo.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Albuquerque no controlo das rotas orientais.

2. Encyclopaedia Iranica — **Alfonso de Albuquerque**: importância comercial de Hormoz, tratado de 1507 e reconhecimento da soberania portuguesa.

3. Encyclopaedia Britannica — **Hormuz**: papel histórico da ilha como grande entreposto comercial; domínio português por mais de um século; perda em 1622 para forças anglo-persas.

4. World History Encyclopedia — **Portuguese Empire**: natureza em rede do império português, cronologia de Goa, Malaca e Hormuz, e factores do declínio perante holandeses e ingleses.

5. Encyclopaedia Britannica — **Who controls the Strait of Hormuz?**: relevância geoestratégica contemporânea do estreito.

6. Journal of Global History / Cambridge Core — vulnerabilidades logísticas e de comunicação do império português na Ásia.

7. Encyclopaedia Britannica — **Western colonialism**: ofensiva holandesa contra os impérios ibéricos e erosão do poder português.

Artigo da autoria de : **Aletheia Veritas** • Fragmentos do Caos

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

usada como arma moral contra a decadência.

Um povo não deixa de ser grande quando perde impérios; deixa de o ser quando perde a coragem de voltar a ter destino.

 [GitHub Pages](#)

 [IPFS \(IPNS\)](#)



Fragmentos do Caos: [Blogue](#) • [Ebooks](#) • [Carrossel](#)

 Esta página foi visitada ... vezes.

[Contactos](#)